

Megan Maxwell

O Teu Aroma a Pêssego

Tradução
Cristina Vaz

 Planeta

Este livro é dedicado a todas as pessoas
que acreditam no amor à primeira vista.
Não há nada mais bonito do que esse
momento mágico.
A nós! Beijinhos.

Megan

Capítulo 1

Londres, 22 de Junho de 2005

– Pato... anda! Quero mostrar-te uma coisa! – gritou Lucy, abrindo a porta do quarto da irmã.

– Caramba, Nana! Por que entras sem bater? – protestou a outra com ar ensonado enquanto deixava cair o espelho que tinha nas mãos.

Lucy, ao ver o que a irmã estava a fazer, aproximou-se dela e disse-lhe com carinho:

– Não te preocupes. Amanhã estarás fantástica! De certeza que o doutor Jacobs fez um bom trabalho e a cicatriz não se vai notar.

Pato, cujo nome era Ana Elizabeth, sorriu. O que menos a preocupava era levar um penso na testa no dia do casamento de Lucy; nem se a cicatriz se notaria com o passar do tempo. Preocupava-a a maneira como se ferira. Algo que não contara.

– Anda, anda, anda... Acabam de me trazer o vestido de noiva e quero que o vejamos juntas.

– Agora?

– Sim, agora – exigiu Lucy. – A mãe e a Elsa trouxeram-no para o meu quarto e... e... vá lá, vamos!

Deixando-se levar pela euforia da irmã, Ana sorriu e correu até ao quarto de Lucy. Uma vez chegadas à porta, esta última parou e, tapando os olhos, pediu em tom suplicante:

– Abre tu, e antes de eu poder vê-lo, diz-me se é tão bonito como da última vez que o experimentei em Paris.

– Mas, Nana...

– Vá lá, vá lá, vá lá... Por favooooor, Pato.

Ana, após suspirar com resignação por causa do empenho da irmã, abriu a porta. Diante dela, num cabide pendurado na cortina, estava o objecto de adoração da irmã. O seu vestido de noiva. Durante uns segundos observou-o e, apesar de não gostar muito daquelas vestes tão pomposas, sorriu. Lucy ficaria linda com aquele vestido branco-sujo de corte império.

– É lindo. Vais ficar muito bonita.

A futura noiva tirou então a mão dos olhos, entrou no quarto e, depois de dar uns saltinhos, bastante típicos dela, desatou a gritar.

– Adoro, adoro! Oh, meu Deeeeus, vou estar giríssima!

– Sem dúvida – concordou, a sorrir, Ana; se havia algo que a diferenciava da irmã era o egocentrismo.

Incapaz de conter a alegria, a jovem continuou a saltar, até que voltou a dizer:

– Já te disse que adoro, que amo e que fico maluca com o meu vestido *Balenciaga*?

– Sim.

– Stephanie e Myrian vão morrer de inveja quando o virem.

Ana assentiu. Essas raparigas eram as melhores amigas da irmã, umas jovens tão empertigadas e superficiais como ela, que apenas se interessavam por estarem bonitas, por moda e pelos homens. Por esta ordem.

– Anda... toca-lhe. Não tem um toque incrível?

– Sim, incrível.

– E olha o véu. Oh, vou ficar espectacular com o véu!

Durante mais de vinte minutos, Lucy gritou e saltou diante do vestido de noiva enquanto Ana, sentada na cama, ouvia

e apreciava daquela loucura. Lucy era espalhafatosa e, por vezes, stressante, mas sabia que quando se separassem incondicionalmente sentiria a falta dela. Quando por fim a futura senhora Edwards acalmou, sentou-se ao pé da irmã e perguntou:

– Pato, vais resolver as coisas com Warren?

– Não.

– Bolas, tens de o fazer.

– Não – respondeu Ana com veemência. – E não virá ao casamento. Eu proibi-o.

Com os olhos esbugalhados, Lucy exclamou:

– A mãe vai ficar furiosa quando souber! Ela adora Warren e...

– Olha, Nana, o que havia entre nós acabou. E por muito que a mãe adore Warren, não é ela que tem de o aturar. – E, mentindo, coçou a orelha enquanto dizia: – Ambos estamos de acordo em terminar a nossa relação, e não quero vê-lo.

– Vamos lá ver... pensa – insistiu Lucy. – Warren é giro e tem um estatuto fabuloso, e...

– Warren não é o que eu quero na minha vida, Nana – suspirou a irmã, aborrecida.

– Mas ele e os pais dele são nossos amigos desde sempre e...

– Espero que continuem a sê-lo, embora eu não queira voltar a vê-lo – clarificou. – E por favor... ajuda-me a que o pai e a mãe entendam isso, apesar de, bom, já estar a contar com a histeria da mãe.

– Mas o que aconteceu? O que se passou para tu acabares com o giraço do Warren?

– Nana – disse Ana, cravando os olhos nela –, não quero falar disso.

Lucy abraçou a irmã. Era a melhor, apesar de muitas das suas amigas a considerarem uma ave rara por não gostar de cor-de-rosa nem ir ao cabeleireiro todos os dias.

– Está bem, sou uma chata. – Ana, por fim, esboçou um sorriso, e Lucy perguntou então: – Quando pensas contar os teus planos ao pai e à mãe?

– Não sei.

– Caramba, Paaaato!

– É que não encontro a altura certa e não quero estragar-te o casamento.

– Tens de lhes dizer já. Amanhã eu caso-me, irei de lua-de-mel e não estarei aqui para te apoiar.

– Eu sei.

Ana sorriu de novo. Adorava a irmã apesar de não ter nada a ver com ela nem com a sua maneira de ver a vida. Pensou em dizer a verdade sobre Warren, mas por fim decidiu poupar-lhe o sofrimento.

– Tens de lhes dizer hoje.

– *Okay, okay...*

Lucy fitou-a e assentiu.

– Não te preocupes, Pato; eles vão entender. A mãe vai deleitar-nos com uma das suas cenas de histeria cheias de soluços e expressões como «o que vão as pessoas dizer», mas o pai vai compreender-te e acalmá-la, vais ver.

– Assim espero. – E depois de olhar de novo para o vestido de noiva, perguntou: – Tens a certeza de que Christopher é o homem da tua vida?

– Sim, absoluta.

Christopher Edwards, o seu futuro cunhado, não era santo da devoção de Ana. Era demasiado simples e dócil para Lucy. Nos seus dois anos de relação, tentara falar sobre isso com ela, mas Lucy estava demasiado deslumbrada por aquele jovem atraente que trabalhava com o pai delas. Não havia nada a fazer.

– Só tens vinte e um anos, Nana. Porquê tanta pressa de te casares?

– Porque quero ser uma noiva jovem, bonita e divina.

Ana não ficou surpreendida com aquela resposta, de modo que, depois de revirar os olhos, prosseguiu:

– Ainda estás a estudar. Não viajaste, não viveste. Porquê casares-te tão cedo?

– Mas tu não viste aquele vestido *Balenciaga*? Parece-te pouco cortar as asas por um vestido assim?

– Oh, meu Deus, Nana... não tens emenda!

– Vá lá... eu gosto dele, quero a minha festa grandiosa, a viagem de lua-de-mel, o vestido espectacular, a minha independência do pai e da mãe, achas pouco?

– E ele gosta de ti?

Sem intenção de se ofender, a futura noiva levantou-se da cama e, apontando para si mesma, sibilou:

– Como não vai gostar de mim? Já me viste? Já viste como me assentam estes *jeans* da *Versace* com os sapatos *Jimmy Choo*?

– Sim, filha, sim. Eu vi, mas queres fazer o favor de responder ao que te estou a perguntar?

Afastando a sedosa cabeleira, tão diferente do cabelo curto da irmã, a orgulhosa e futura senhora Edwards respondeu:

– Vou-te responder como eu vejo as coisas. Sou a filha do director-geral da BBC, Frank Barners. As minhas medidas são perfeitas. Sou bonita, jovem e cheia de estilo. A minha pele é lisa e não tem um único poro aberto. Não tenho celulite, nem estrias, nem nada que destoe com o meu corpo estilizado e cuidado. Visto o tamanho 34 dos melhores *designers*, e sou divertida e loquaz. Que mais posso pedir?

Sem se surpreender com o discurso, Ana pensou *Gaba-te, cesta, que vais à vindima*, mas, tocando no penso na testa, sorriu. Ia para responder quando a porta se abriu e apareceram os pais, Frank e Teresa. Lucy, esquecendo-se da conversa que estava a ter com a irmã, foi a correr ter com o pai e gritou:

– Pai, amanhã vou estar deslumbrante. O vestido *Balenciaga* é o vestido de noiva mais bonito que vi na minha vida!

Frank Barners, um elegante e cavalheiresco homem de negócios, trocou um olhar com a filha Ana, que lhe sorriu.

– Julgo que tu superas o vestido em beleza, querida Lucy – comentou.

– Obrigada, papáááá! – exclamou a visada.

– Nana... não é por nada, mas olha que tu gostas mesmo que te mimem os ouvidos – gracejou Ana ante a lisonja do pai.

– Com ciúmes, Pato?

Teresa Domínguez interveio nesse momento e, olhando para a filha mais velha, exclamou:

– Vamos lá ver, quando deixam vocês de chamar esses nomes horríveis uma à outra? *Pato e Nana!* Quantas vezes vos disse para se tratarem pelos vossos nomes, Ana Elizabeth e Lucy Marie?

– E, sem esperar que respondessem, prosseguiu: – A propósito, Ana Elizabeth, estás bem, querida?

– Sim, mãe. Não te preocupes.

– Que desastre! Olha que caíres dias antes do casamento... – lamentou-se a mulher.

Preocupado, Frank aproximou-se da filha e, tocando-lhe na cabeça enquanto observava o penso que ela tinha na testa e o pequeno inchaço no malar, perguntou-lhe:

– Não tens tonturas, pois não?

– Não, pai, a sério. E tu, mãe, tem calma. Falei com Karen, a maquilhadora, e disse-me que amanhã me disfarça isto no malar.

– Filha... o que nos preocupa é que estejas bem – clarificou o pai.

– E estou – respondeu a sorrir. – E amanhã para o casamento estarei ainda melhor.

– A propósito, Ana Elizabeth – disse a mãe, mudando de tom –, acabei de falar com Warren Follen e ele disse-me que não vem ao casamento. Tens alguma coisa a ver com isto?

A interpelada, afastando a franja para o lado, olhou para a mãe.

– Claro que tenho, mãe. Acabámos e disse-lhe que não quero que venha ao casamento. Algum problema?

– Algum, não. Muitos!

– Querida... – Frank advertiu a mulher.

Porém Teresa ignorou aquela chamada de atenção e gritou, encarando a filha:

– Não sei o que tens na cabeça além de maluqueiras! Warren e os pais dele são gente influente aqui em Londres e nossos amigos desde sempre... e não acho bem que ele não venha. Além disso, pensa: a tua irmã mais nova vai-se casar antes de ti!

Aquele comentário conseguiu que Ana desse uma gargalhada e, sem se importar com a expressão da mãe, replicou:

– Mãe, só tenho mais dois anos que Nana. Vinte e três! Quem te ouvir há-de pensar que...

– Exacto. Vão pensar que és uma jovem amargurada e futura solteirona. E, assume-o, tu nunca tiveste a facilidade de Lucy Marie para comunicar com os outros, e...

– Sim, mãe, eu sei. Ela é a filha bonita e eu a feia. Eu sei... eu sei...

– Tu não és feia – protestou Lucy, intercedendo pela irmã.

– Mas que disparates estás para aí a dizer, mulher? – gritou Frank ao ouvir a esposa. – Quem ousou dizer que a minha Ana é feia? Apenas são duas jovens diferentes. Nada mais.

– Pai, não te preocupes – disse Ana a rir, mas a mãe não se deu por vencida.

– Eu não disse nem direi que Ana Elizabeth é feia. Não é. Mas olha para ela. Achas que alguém repararia nela?

Frank desviou o olhar para as filhas e sorriu. Lucy era toda ela cor, feminilidade, sedosos caracóis claros, *glamour* e bater de pestanas, e Ana era *jeans*, cabelo curto e escuro, e óculos retro. Dois estilos muito diferentes de mulher.

Ana, divertida com as expressões dos pais, ia para dizer algo, mas foi a mãe quem se adiantou:

– Como te passa pela cabeça acabar com Warren agora? É um excelente partido. O pai dele é membro activo da Câmara dos Lordes e...

– Mãe, isso a mim não me aquece nem me arrefece. Quando te vais dar conta de que eu não dou a prioridade que tu dás a certas coisas? – queixou-se.

– Warren é rico – continuou no entanto a mãe –, de uma boa família, bem-parecido, gosta de ti tal como tu és e tem as suas empresas. Que mais podes pedir?

– Outras coisas, mãe. Outras coisas – murmurou, desiludida.

O pai olhou-a com carinho. Perceber a tristeza nos olhos da filha estava a matá-lo. O que se passaria com ela?

– Não sei por que acabaste com ele. Volto a dizer que Warren é um excelente partido; além disso, conhecemo-lo desde sempre e sabemos que te tratará como a uma rainha.

Inspirando fundo, Ana bufou. O maravilhoso Warren, de maravilhoso só tinha o nome.

– Olha, mãe, esse maravilhoso Warren que tanto adoras – sibilou com raiva – não entra nos meus planos! Portanto, assunto arrumado, e não insistas porque não há volta a dar.

Teresa sentou-se então dramaticamente na cadeira que se encontrava ao lado do vestido *Balenciaga* e gemeu. Warren era um candidato magnífico para a sua filha e não pensava deixá-lo escapar.

Ana, ainda abalada pelo que acontecera, mas convencida de que aquele era o melhor momento para dar a notícia que tinha para dar, olhou para a irmã, e esta assentiu. Pôs-se ao lado dela e deu-lhe a mão. Aquele gesto não passou despercebido a Frank.

– Agora que estamos aqui os quatro, quero dizer-vos uma coisa importante.

– Não estás grávida, pois não? – interrompeu-a a mãe.

– Mãe, por favooooor! – exclamou. E, encarando-a, perguntou-lhe a modo de desafio: – E se eu estivesse? Seria pecado?

– Seria vergonhoso! – gritou a mulher, histérica.

– Vá lá, mãe, por favor.

– Ao menos diz-me que é de Warren – implorou, esperançada.

– Não, mãe.

A teatralizar como nas melhores tragédias de Shakespeare, Teresa gritou:

– Pelo amor de Deus, Frank! Não é de Warren! A rapariga, grávida e solteira. Isto é um desastre. Seremos o tema dos mexericos de toda a cidade de Londres.

Ana sorriu. A mãe e as suas histerias... Todavia, ao ver a expressão do pai, abanou a cabeça e este, aliviado, assentiu. Lucy suspirou. A mãe era uma histérica, mas a irmã era sacaninha. Incapaz de ficar sem fazer nem dizer nada, fitou-a e disse entredentes:

– Faz o favor de não meteres mais lenha na fogueira, lindinha. Diz à mãe que isso não é verdade, senão dá-lhe uma coisinha má, e amanhã em vez de estarmos no meu casamento estaremos num funeral.

– Escuta, mãe – esclareceu Ana –, não estou grávida. Só queria dizer-vos, a ti e ao pai, que preciso de fazer uma mudança na minha vida. E, por isso, no mês que vem vou viver para Espanha.

– Vais para Espanha?! – gritou Teresa, histérica.

Frank assentiu com a cabeça e agarrou na mão da mulher enquanto a filha prosseguia:

– Encontrei lá um emprego como fotógrafa numa revista de moda e...

– Não pode ser! – gemeu de novo Teresa. – Tu tens de casar, ter filhos e...

– Já chega, mãe! – bradou Ana, cada vez mais irritada. – Tencionas chorar e fazer uma cena por tudo o que eu disser?

– Ai, Ana Elizabeth, com essa tua maneira de ser estás a deitar por terra todos os planos que tinha para ti! Pensava que te casarias com Warren, que terias filhos lindos, que tomaríamos chá juntas e que viverias em Kensington, numa casa bonita e cheia de luz.

– Pois lamento. Tenho os meus planos para a minha vida – afirmou a jovem.

Frank ia para falar, mas a mulher adiantou-se-lhe aos berros:

– Tu não precisas de trabalhar numa revista! O teu pai e eu demos-te os melhores estudos! És advogada! Falas três línguas. Por que vais trabalhar como fotógrafa?

– Porque é o que eu gosto, mãe. E se terminei o curso foi porque tu querias, não porque quisesse.

– Mas... mas disseste-me que gostavas – insistiu a mulher.

– E gosto, mãe. Mas o que me apaixona é a fotografia. Quero ser fotógrafa.

– Ah, não! Nem pensar! Primeiro deixas o teu namorado, e agora vais para Espanha? Nem pensar!

– Eu vou fazê-lo, mãe. Quer queiras, quer não, irei viver para Madrid.

– Nem penses! – opôs-se Teresa, a gesticular.

– É-me indiferente o que digas ou deixes de dizer, mãe. Tenho vinte e três anos, sou maior de idade e creio que está na altura de começar a tomar as minhas decisões.

– Desgostos. Só me dás desgostos. Por que não podes ser uma boa filha como Lucy? – Ana ia para responder, mas a mãe prosseguiu: – E como se não bastasse, queres ir viver para Madrid, uma cidade que sabes que não me traz boas recordações, e... e...

Ana suspirou. A mãe era espanhola, concretamente de Madrid. Mas depois de ter conhecido o pai e de se ter casado com ele, partira para Londres para viver na sua abastada casa de Saint James, esquecendo-se de que na sua juventude, depois de ter saído do orfanato, vivera num apartamentozinho de setenta metros quadrados em Villaverde.

– Mãe, já chega. Por favor, queres ouvir o que Pato tem para dizer?

– Vocês sabem que sempre gostei de fotografia e que fiz vários cursos que me interessavam além dos meus estudos de Direito. Sempre tentei ser uma boa filha, apesar de a mãe achar o contrário, e preciso de mudar a minha vida – disse, gemendo. – Quero começar de novo noutra lugar, e por isso aceitei este emprego em Madrid, porque a minha intenção é ganhar experiência e tentar abrir o meu estúdio de fotografia.

– Posso proporcionar-te isso, querida – respondeu o pai, emocionado. – Se quiseres, posso procurar-te o teu estúdio de fotografia sem necessidade de trabalhares para outros e...

– Pai – interrompeu-o –, sempre me falaste de quão importante é lutar pelo que se quer. Sempre me disseste que uma das coisas de que mais te orgulhas a nível pessoal é de teres conseguido ser quem és graças ao teu trabalho. E quero fazer isso. Quero conseguir as coisas por mim mesma e não por ser a filha de... Por favor, entende-me, preciso de o fazer e... e... afastar-me de Londres.

Sabendo que se passava alguma coisa com a filha, afastou-se uns metros com ela e perguntou-lhe:

– Querida, o que aconteceu para quiseres ir-te embora?

– Nada, pai – mentiu. – Não me aconteceu nada. Mas quero começar de novo num sítio onde possa ser eu mesma.

«Afastar-me de Londres.» Aquela frase tocara o coração de Frank. A filha não andava bem e estava convencido de que nem tudo se devia à separação de Warren. O que se passaria? Embora o facto de não saber o inquietasse, também não queria ser indiscreto e perguntar. Se Ana tinha algo que contar, ela mesma o faria. Porém, não queria ver a filha a sofrer, e nos últimos meses, em especial naqueles últimos dias, a rapariga não estava bem e via-o no seu olhar triste. Aquilo causava-lhe um aperto no coração. Ana era uma lutadora, não uma pessoa materialista como Lucy. Sempre tentara conseguir as coisas pelos seus meios, e isso deixava Frank orgulhoso. Depois de olhar para a histérica da sua mulher, assestou os olhos na filha e, convencido de que era o melhor, disse:

– Está bem, Ana. Irei apoiar-te na tua decisão, mas prometo-me uma coisa.

– O quê, pai?

– Que sempre que precisares de ajuda, seja para o que for, virás ter comigo, combinado?

– Claro, pai. Prometo-te.

Dito isto, fundiram-se num abraço ternurento enquanto Teresa, como era de esperar, desmaiava ante a iminente partida da filha.